

Novas teorias do comércio internacional (A, C, & F, cap. 10)

- A- Teoria da sobreposição da procura de Linder (1961)**
- B- Teoria do ciclo de vida do produto de Vernon (1966)**
- C- Teoria do comércio internacional com economias externas à firma de Kemp (1964)**
- D- Teoria do comércio internacional com economias de escala internas à firma de P. Krugman (1979)**
- E- Comércio intra-ramo vs comércio inter-ramo**

Introdução

As abordagens anteriores e em particular a do Teorema HO centram a explicação do padrão de especialização nas condições de oferta (com exceção da teoria neoclássica) e são contextualizadas em termos estáticos.

Surtem algumas teorias alternativas para explicar o padrão de especialização e de comércio:

Linder (1961) com a sobreposição da procura

Vernon com o ciclo de vida do produto (1966)

Kemp com as economias externas à firma (1964)

Krugman (1979) com as economias de escala internas à firma

A- Teoria da sobreposição da procura de Linder

Elemento central: a explicação da vantagem comparativa está centrada na procura (enquanto no teorema HO está centrada na oferta)

A1- Hipóteses

Os gostos dos consumidores estão fortemente condicionados pelo seu nível de rendimentos ou seja um padrão de rendimentos condicionará fortemente o padrão de gostos (preferências) dos consumidores e logo a procura dos consumidores de um país

Os produtores preferem vender para o mercado interno, que lhes é mais familiar, ou para um mercado externo que seja uma “extensão” (pela semelhança da procura) do interno.

Dentro de cada país os consumidores, com nível de rendimento elevado, tendem a preferir (a procurar) bens mais “sofisticados” (maior qualidade e provavelmente com tecnologia mais intensiva em capital). Há assim uma diferenciação do tipo de procura condicionada pelas diferenças do nível de rendimento dos consumidores

O nível de rendimento tende a variar entre países (se avaliado pelo rendimento per capita). No entanto, se considerarmos os segmentos de consumidores associados a diferentes níveis de rendimentos nos dois países

é possível que, entre os diferentes países, exista alguma sobreposição de níveis de rendimento. Deste modo, gera-se alguma sobreposição da procura (e logo sobreposição ao nível da estrutura da produção). É esta sobreposição que “abre as portas” ao comércio internacional

A2- Economia fechada e Economia aberta

1/ Economia fechada

Em autarcia, os gostos dos diferentes segmentos dos consumidores (ligados a diferentes níveis de rendimento) geram procuras para diferentes tipos de produtos

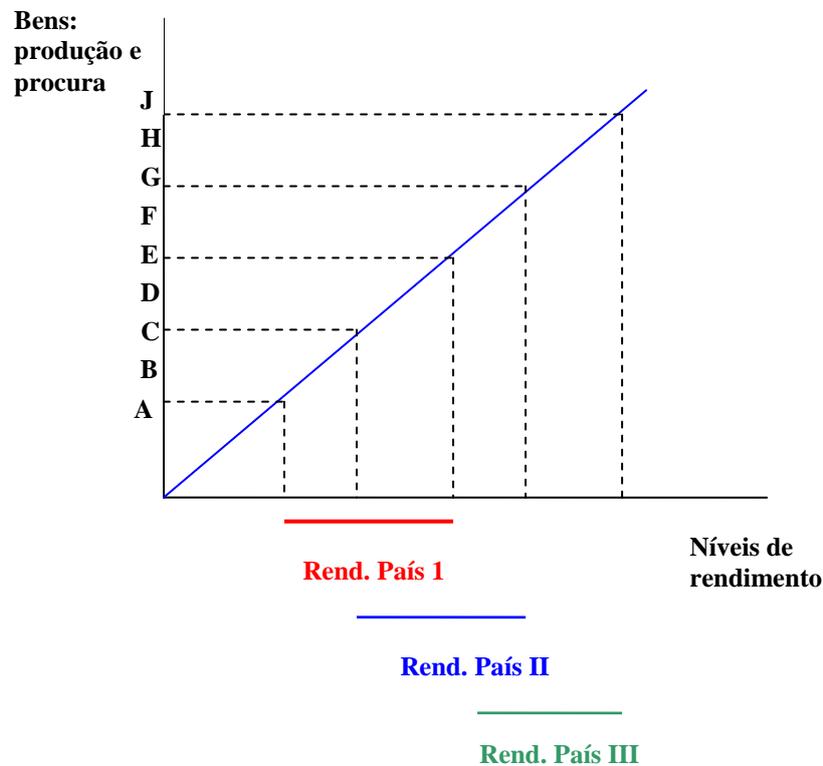
Para responder a esta procura os produtores produzem estes produtos

Assim, os diferentes bens produzidos por um país reflectem os diferentes níveis de rendimento existentes num país. Daí decorre que são estes bens que constituem a base provável para a exportação

2/ Economia aberta

a) Em **economia aberta** o comércio de produtos manufacturados será mais intenso entre países com níveis de rendimento semelhante. É claro que para existir este “two-way trade” é necessário que exista diferenciação do produto. Assim abandona-se a hipótese de produtos homogéneos (Teorema HO), e o comércio analisado deixa de ser inter-ramo e passa a ser intra-ramo.

b) Exemplificação gráfica



Notas:

1/ A dispersão dos rendimentos de cada país gera procura para os bens

em I → A, B, C, D, e E

em II → C, D, E, F e G

em III → E, F, G, H e J

2/ Os diferentes bens produzidos reflectem a procura dos mesmos, a qual está condicionada pelo nível de rendimento dos consumidores

3/ O comércio internacional faz-se entre bens para os quais há sobreposição da procura

Neste caso:

-países I e II trocam os bens C.D.E

-países II e III- trocam-se os bens E.F.G

-países I e II- troca-se o bem E

4/ O comércio é intra-ramo (não explicado pelo modelo HO) o que implica que se está a pressupor a diferenciação vertical do produto (diferenças de qualidade)

A3 Conclusões

O comércio de bens manufacturados é explicado pelo comportamento da procura e não pelas dotações factoriais

O comércio internacional de bens manufacturados será mais intenso entre países com desenvolvimento económico semelhante (níveis de rendimento semelhante)

O modelo determina quais as variedades de cada produto que são transaccionadas mas não determina em que país são produzidas (indeterminação do padrão de especialização). Também não explica por que razão alguns países produzem um produto exclusivamente para exportar.

B- Teoria do ciclo de vida do produto (Raymond Vernon – 1966)

Elemento central: A vantagem comparativa deixa de ser formulada em termos estáticos e passa a ser definida em termos dinâmicos . A vantagem comparativa evolui ao longo do tempo estando condicionada pela fase do ciclo de vida do produto em que o país de referência está temporariamente especializado

B1 -Hipóteses:

- A tecnologia disponível difere de país para país num dado momento do tempo
- O capital é móvel à escala internacional
- Os gostos dos consumidores estão condicionados pelo seu rendimento e, num dado momento do tempo, diferem de país para país.
- A produção está sujeita a economias de escala (rendimentos crescentes à escala)
- A vantagem comparativa dos países evolui à medida que se dá a “deslocalização” da produção do país mais desenvolvido, onde se verifica a inovação, para os outros países desenvolvidos (PD) e finalmente para os países em desenvolvimento (PED)

B2 - Fases no desenvolvimento do produto (ciclos de produção, consumo e comércio)

Notas:

1/ Vernon estudou o ciclo de alguns produtos novos que resultaram do processo de inovação nos EUA

2/ Os produtos novos tendiam a, por um lado corresponder à procura por parte de consumidores com nível de rendimento elevado e, por outro lado, a utilizar tecnologias intensivas em capital e trabalho altamente especializado

3/ Foram identificadas três fases no ciclo de vida do produto (do seu “nascimento à sua “quase morte”)

1/ 1ª Fase

O produto começaria por ser produzido e consumido nos EUA (o segmento do mercado americano de rendimento elevado funcionava como teste para o produto novo)

O país onde se verificava a inovação caracterizava-se por um alto nível de rendimento per capita e por um nível de desenvolvimento tecnológico elevado. Deste modo reintroduz-se a explicação de Linder segundo o qual a oferta se ajusta a uma determinada procura e a última está condicionada pelo nível de rendimento dos consumidores.

2/2ª fase Maturidade:

- exportações e fluxos de IDE (Investimento Directo Estrangeiro)
- importações

Exportações e fluxos de IDE

Na produção: surgimento de economias de escala e utilização de técnicas de produção de massa e logo redução dos custos unitários e dos preços

Exportações para os outros PD (Europa e Japão) e para alguns segmentos de consumidores nos PED (onde o mercado potencial se alargou devido à redução do preço do produto)

Fluxos de IDE e deslocalização da produção o que pressupõe mobilidade internacional do capital. Um exemplo deste fenómeno e desta fase do ciclo de vida foi a deslocalização das FMN (Firmas Multinacionais) americanas para a Europa com a constituição do mercado comum após o estabelecimento da Comunidade Económica Europeia (Tratado de Roma de 1957)

...e importações por parte do país inovador

A produção é agora inferior ao consumo no país inovador. Atendendo a que os custos salariais no exterior são mais baixos, reduz-se

progressivamente a produção. O país inovador passa a importar dos outros PD com custos mais baixos

3/ 3ª Fase Estandartização (declínio)

Os PD, quer o inovador quer os imitadores, tornam-se importadores do produto que agora é produzido e exportado pelos PED (banalização da tecnologia ou seja peso crescente dos baixos salários no custo total do produto). Assim, assiste-se a uma nova deslocalização da produção, desta vez para os países com baixo salário (cujo mercado continua a expandir-se dada descida forte dos preços).

Exemplo: produtos do sector têxtil e do vestuário

1ª Fase

EUA- surgimento e teste ao produto novo

2ª Fase

a) EUA - consomem e exportam : Europa (M)

Japão (M)

PED: segmentos de consumidores com
nível de rendimento elevado (M)

b) EUA - importam

Europa e Japão consomem e exportam:

EUA (M)

PED (M)

3ª Fase

PED (Coreia, Singapura, Taiwan,) produzem e exportam

EUA, Japão e Europa importam

Nota:

M, importações e X, exportações

Gráfico I- Evolução das vendas, no mercado interno e externo no país onde surge (“nasce”) o produto novo

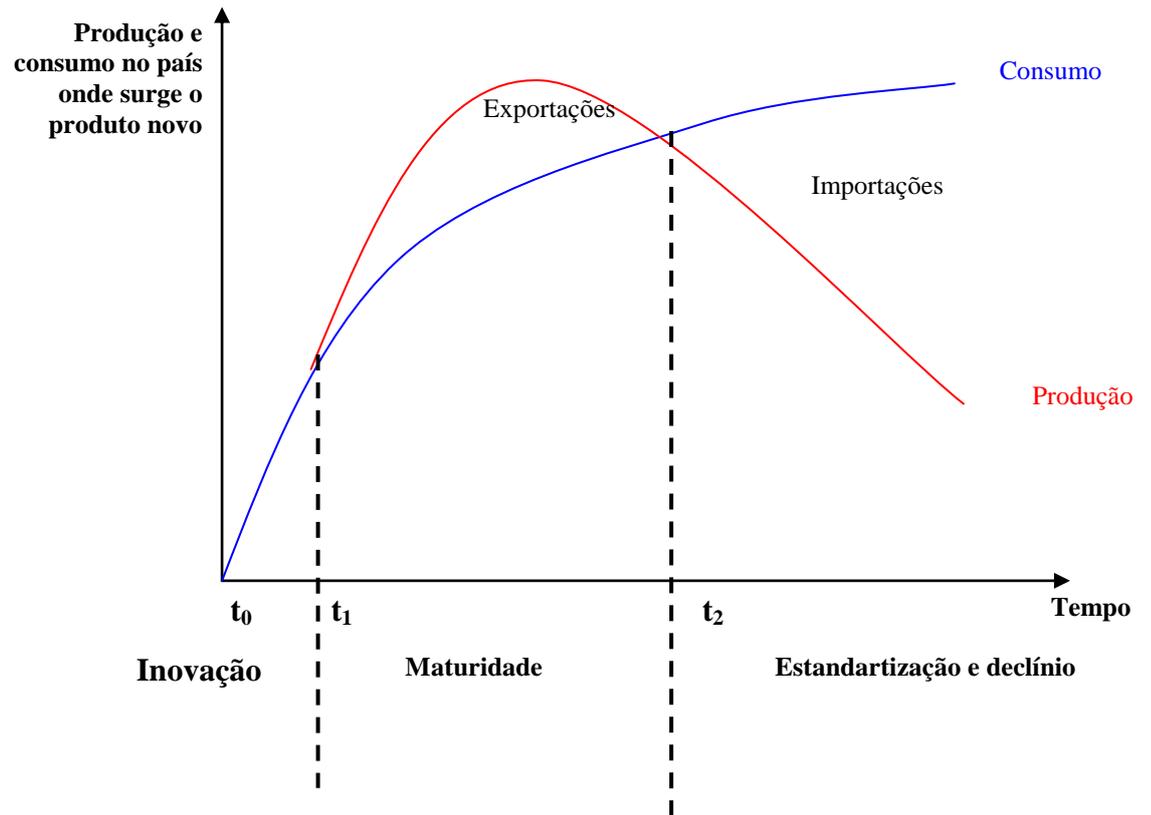
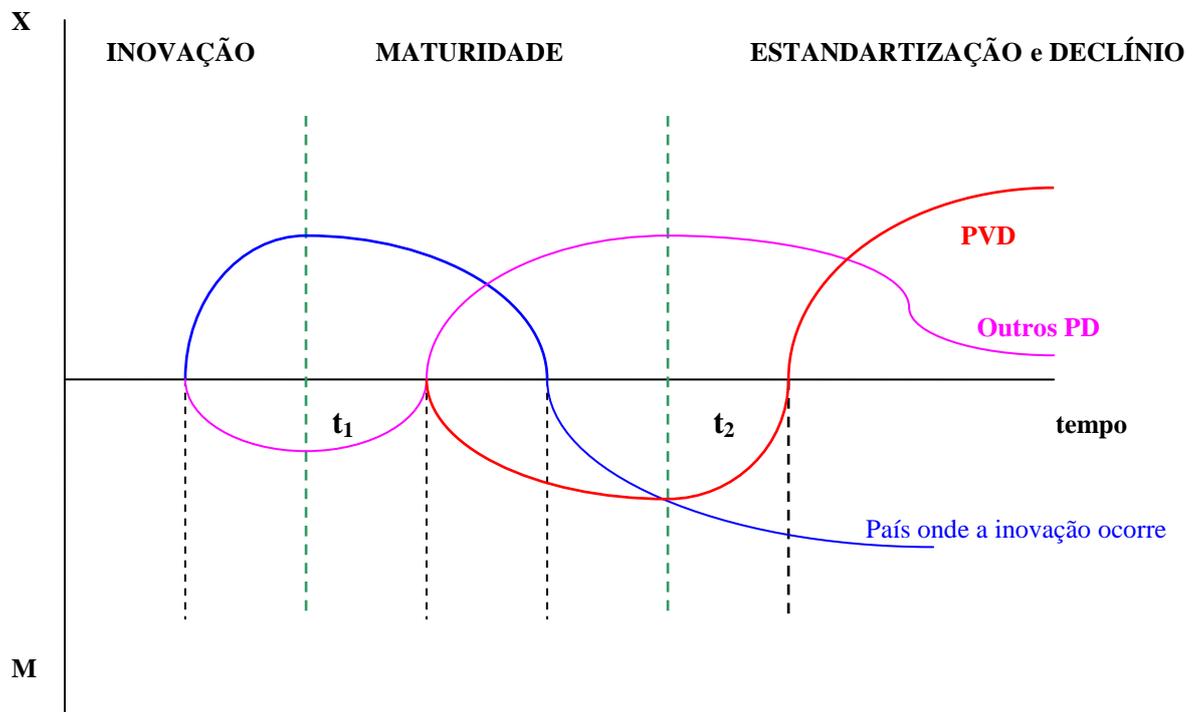


Gráfico II- Evolução da Balança Comercial dos diferentes países ao longo do ciclo de vida do produto



Nota:

X são as exportações e M as importações dos diferentes países:

- País onde surge o produto novo,
- Outros países desenvolvidos (PD) e
- Países em vias de Desenvolvimento (PED)

B3- Críticas:

- O determinismo
- Hierarquia absoluta de países? Varia de sector a sector?

- Uma teoria historicamente datada?
- O mercado actual é global

C – Modelo de Kemp (1964) (economias de escalas externas à firma)

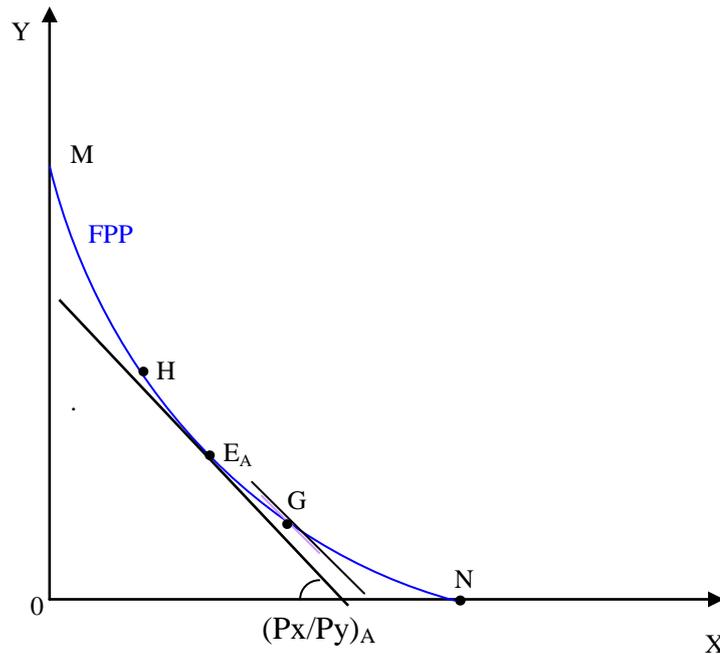
Elemento central: existência de economias de escala externas à firma em ambas as indústrias.

C1 Hipóteses

Π Dois bens (X e Y) com economias de escala externas à firma.

→ CFPP convexa (custos de oportunidade decrescentes)

C2 Equilíbrio em autarcia



Inicialmente a economia está no ponto de equilíbrio E_A : a recta dos preços é tangente nesse ponto à CFPP

Nas CFPP convexas o ponto de equilíbrio é instável.

G (à direita de E_A) dado P_x/P_y

Se $P_x/P_y > C_{mgx}/C_{mgy}$ então temos que $P_x/C_{mgx} > P_y/C_{mgy}$. A produção de x aumenta e reduz-se a produção de y. A economia move-se para o ponto N, tendendo para a especialização completa no bem x.

H (à esquerda de E_A): o movimento é agora inverso. Aumenta a produção de y e diminui a produção de x até que em M há especialização completa no bem y.

Conclusão: E_A é um ponto de equilíbrio instável. Em G tem-se $CO_{xy} < p_x/p_y$ pelo que a economia se ajusta para N e não para E_A . Em H tem-se $CO_{xy} > p_x/p_y$ pelo que a economia se ajusta para M e não para E_A

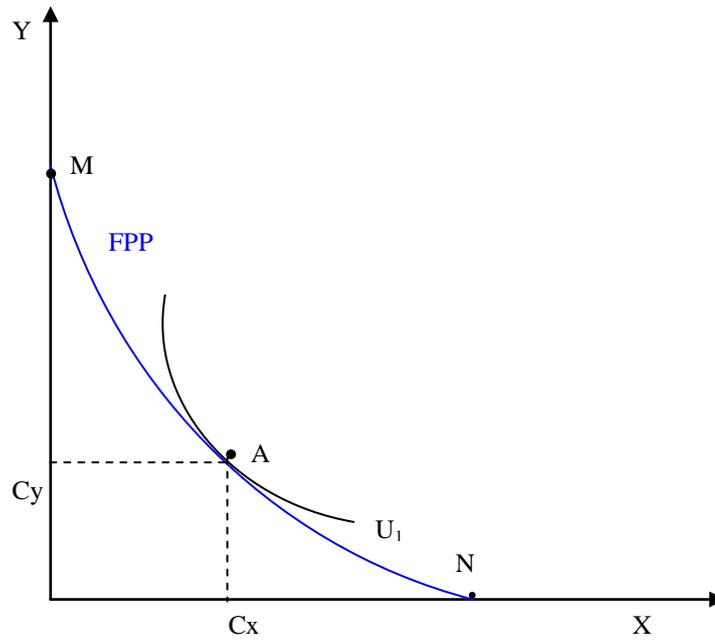
C3 - Economias de escala externas à firma e abertura ao comércio

- Dois países H, o país doméstico e o um outro país, F e dois produtos, x e y

- As preferências podem não ser simétricas

-O papel do “acidente histórico”

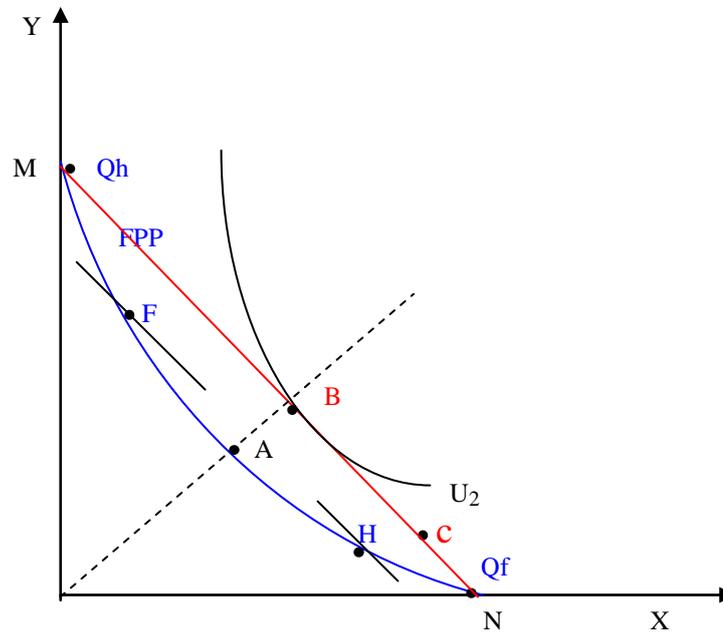
Equilíbrio em autarcia



A- Ponto de equilíbrio na produção e no consumo

a) Equilíbrio internacional com ganhos iguais para os dois países

Países H e F em equilíbrio pós comércio internacional



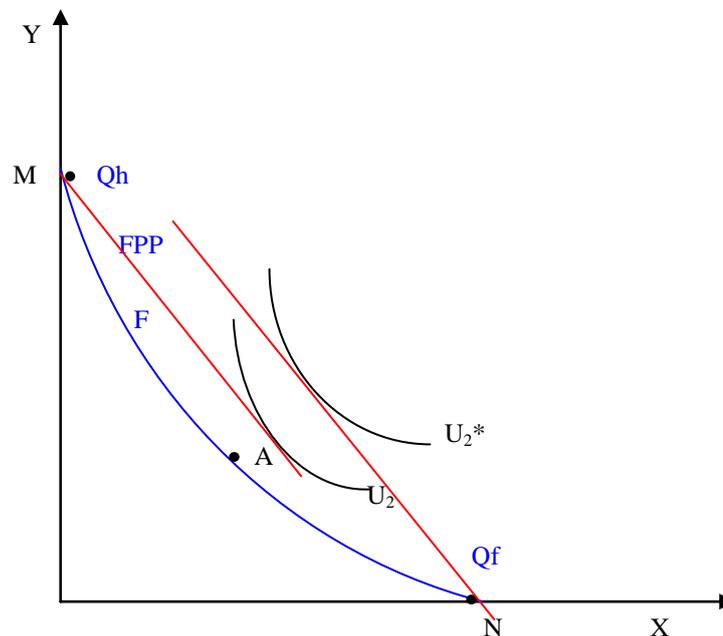
Nota: Q_f é a quantidade produzida por F e Q_h a quantidade produzida por H em especialização completa

→ Um equilíbrio possível: H produz y (“acidente histórico”) e F produz x (especialização completa)

→ Ponto B (equilíbrio internacional): cada país troca metade da sua produção por metade da produção estrangeira

→ Ganho mútuo na troca

2/ Equilíbrio internacional e ganho desiguais para os dois países



→ Admitem-se a hipótese dos consumidores manifestarem uma preferência acentuada por um dos produtos (preferências não simétricas, por exemplo no país H preferem o bem x)

Os países serão levados a especializar-se totalmente na produção de um dos produtos

O preço relativo do bem mais procurado, dado o excesso de procura, vai aumentar- as rectas dos preços vão estar dissociadas (uma tem origem em M e a outra em N)

Neste caso a curva de indiferença alcançada pelos consumidores do país estrangeiro F, ($U_2^* > U_2$), mostra que o país estrangeiro ganha mais com o comércio internacional do que o país de referência, H.

Notas

1. Mesmo que os países tenham a mesma oferta e a mesma procura em autarcia, existe uma base para o comércio
2. O comércio é tipo inter-ramo
3. Pode acontecer que um país ganhe com o comércio e que o outro perca